



**TOTALIDADE E DESADEQUAÇÃO:
UM ENSAIO SOBRE A EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA**

Artur Rodrigo Itaquí Lopes Filho¹

RESUMO: O presente trabalho consiste em um pequeno ensaio teórico/filosófico acerca da questão da educação como prática amplamente difundida até os dias atuais e visa apontar haver, em sua concretude, a intencional adequação do estudante a uma padronização modelar do saber, a qual é sustentada sobre a máxima da totalização. Partindo dos apontamentos do filósofo brasileiro Ricardo Timm de Souza e de seu autor de maior influência, Theodor Wiesengrund Adorno, o texto que segue discorre, junto à filosofia de Timm e Adorno, acerca do papel da escola e demais instituições formais, responsáveis pelo desenvolvimento do saber em todo o território nacional. O papel formador das instituições de ensino é alvo de uma pontual crítica que apela à desadequação, como meio pelo qual a liberdade criativa e reflexiva do indivíduo pudesse vir a ser ressaltada, desse modo, possibilitando o surgimento de uma crítica verdadeiramente emancipada, isto é, não condicionada ou adequada à institucional padronização modelar, ainda vigente.

PALAVRAS-CHAVE: Desadequação. Totalidade. Educação.

**TOTALITY AND UNSUITABILITY:
AN ESSAY ABOUT THE CONTEMPORARY EDUCATION**

ABSTRACT: The present work consists in a small theoretical/philosophical essay on the issue of education as a widespread practice until the present day and aims to point there, in its concreteness, the existence of an intentional adaptation of the student to a standardized model of knowledge, which is supported by the maxim of totalization. From the notes of the Brazilian philosopher Ricardo Timm de Souza and his author of greater influence, Theodor Wiesengrund Adorno, the text that follows elaborates, with the philosophy of Timm and Adorno, about the school role and other formal institutions, responsible for the development of knowledge in all national territory. The formative role of educational institutions are targets of a specific criticism that calls for unsuitability as a means by which creative and reflective freedom of the individual could turn out to be highlighted, thereby enabling the emergence of a truly emancipated criticism, that is, not conditioned or proper institutional standardization model, still in force.

KEYWORD: Unsuitability. Totality. Education.

¹ Mestre em Filosofia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Professor pesquisador da IFSul/CPTE - Pelotas. Email: artursan@gmail.com



INTRODUÇÃO

Em *Totalidade & Desagregação* (1996), Ricardo Timm de Souza aponta que a história do pensamento ocidental se caracteriza pela manutenção e pela promoção de um espaço confortável de verdades estabelecidas decorrentes da ambição humana por compreender o desconhecido. Tal busca, tida por ambição, descamba em um processo por deveras desconcertante, pois o acesso à verdade do desconhecido consiste, de modo geral, no processo de violação da natureza alheia, na medida em que alguém se outorga o direito de alocar o outro nos paradigmas por ele sustentado – tendo, na verdade desvelada, a determinação do diferente.

Seja pela magia, pela religião ou mesmo pela mais avançada ciência dos últimos tempos, o processo de desvelamento do desconhecido se revela, ao longo do desenrolar temporal, um processo por deveras **escárnio**, visto o fato de englobar todo o universo do desconhecido a um ordenamento ideal de um saber que se faz hegemônico, na medida em que sujeita tudo a sua volta a uma mesma razão de ser, isto é, tudo acaba por ser sujeitado a um único princípio, o qual será reconhecido pelo título da verdade e dela decorrerão todas as demais explicações, justificativas ou afirmativas acerca do que for. **Processo escárnio** devido ao fato de essa máxima se aplicar sobre o homem, que acaba por ter, no desvelamento da verdade que o constitui, a determinação e as limitações concernentes a sua própria natureza; uma confusão de entendimento que atribui à verdade acerca de si mesmo o resultado de um desvelamento e não de uma conceituação determinante, a qual diz à humanidade quem de fato ela é.

Definido aquilo que constitui o homem – a partir do desvelamento da verdade que confere a natureza de sua manifestação –, cada particular se encontra diante de uma difícil situação, pois agir conforme a natureza que lhe confere verdade acaba por consistir naquilo esperado pela ordem do saber vigente, isto é, significa se adequar àquilo esperado pelo paradigma da verdade vigente. Não estranhamente, o paradigma da verdade se encontra manifesto como lei, corporificada nas muitas instituições, que, por sua vez, validam e apaziguam suas ações pelo selo do oficial, e que, em teoria, reflete a verdade referente à natureza, à sociedade, à política, à cultura, à arte, ao saber e, inclusive, à própria humanidade. Ser autêntico com sua verdadeira natureza, mesmo que em contradição com o esperado pela



verdade desvelada, é negar a homogeneização ideal de todo saber que pretende, a partir de paradigmas tidos por meios eficazes de se desvelar toda verdade do desconhecido, sujeitar o outro à determinação de uma definição que se pretende universal.

A determinação da verdade que confere a natureza alheia é intitulada por Souza de *totalidade*, e o processo de englobar tudo sob a perspectiva de um mesmo padrão paradigmático, é chamado de *totalização*, princípio que confere a ação da busca pelo desvelamento da verdade alheia, a partir da adaptação do desconhecido às categorias de seu próprio entendimento, em outras palavras, sujeitar tudo a uma mesma verdade (pretensiosamente) universal. Cabe ressaltar que esse processo não necessariamente consiste em uma ação intencional, pelo contrário, ele, de forma geral, é movido pelo mito da verdade desvelada, que atua como uma crença sobre todo aquele carente do entendimento de algo.

Essa crença se encontra materializada, ao longo da grande história, nas passagens dos grandes períodos de revolução, quando o desenrolar do tempo se caracteriza pelo conflito dialético entre paradigmas que se pretendem hegemônicos, visto acreditarem ser, cada qual, detentor da verdade universal, desse modo tornando o outro ou o diferente em seu algoz. Assim, tivemos o processo da justificação do mundo e de tudo o que confere a sua existência, ao longo da grande história – da magia à religião, da filosofia a à ciência, cada qual instituindo um paradigma (pretensiosamente) hegemônico, justificado pela crença, amplamente difundida, de suas ações estarem correspondendo àquilo tido por verdade universal.

Presente na mitologia dos antigos, na religião dos medievalistas, na ciência moderna e na filosofia dos acadêmicos, o mito da verdade desvelada reforça a crença de que o paradigma pelo qual a natureza do desconhecido se faz desvelar constitui o meio mais eficiente que os demais na busca pela verdade universal. Acessando a verdade paradigmática do desconhecido, a humanidade se torna capaz de lidar com as intempéries do desconhecido, podendo, desse modo, lidar com a natureza do diferente e, inclusive, modificá-la para que ela se adeque à verdade desvelada (concernente a sua própria natureza). Entendendo o diferente como um desviado, o processo de adequação do diferente se faz justificar.

Tendo o processo do desvelamento da verdade alheia como a justificação necessária para o processo de adaptação do outro às categorias do entendimento humano, Souza nos leva



a entender que a história do ocidente se encontra fundada na busca por tornar o desconhecido conhecido, a partir da *totalização* de seus conceitos.

Assim, a *totalização* engloba tudo a um padrão, cabendo ao outro – ao diferente, ao emancipado, ao liberto de toda determinação –, apenas se adequar para, enfim, ser parte da verdade, a qual lhe fora atribuída. Na prática, temos a dinâmica da *totalização* atuando nas muitas instâncias da sociedade até os dias atuais: na determinação daquilo que confere o ser de um bom cidadão, um bom marido, um bom profissional e assim por diante. Essa mentalidade, amplamente difundida, se desdobra sobre cada indivíduo, que atua conforme a verdade que lhe confere natureza, sempre justificado pelo paradigma do saber vigente².

Diante da violência da *totalização*, o papel das instituições de ensino nos parece claro, ainda que sua prática e sua justificativa se expressem de maneira contraditória. Diante do discurso efusivo que anseia em aclamar para si que a educação é o meio pelo qual o indivíduo se emancipa de toda a determinação alheia, sua atuação consiste na adequação do diferente àquilo que confere ser a verdade paradigmática de um cidadão exemplar (tendo na recompensa de sua adesão ao saber institucional, a consagração de se estar fazendo aquilo o que é certo). Como exemplo, temos os cursos de formação superior e suas (medievais) bancas de títulos, em que aquele que replica metodologias consagradas, cita autores cânones e reproduz o discurso modelar, acaba por se tornar alguém, por deveras, bem sucedido entre os demais (podendo, inclusive, lecionar nessas mesmas instituições – consagração máxima do reconhecimento como um par ou um igual entre os iguais); para aquele que ousa fugir à padronização, tornar-se um marginal é a consequência, sendo desestimulada sua reflexão desadequada ao padrão modelar, assim como a leitura de seus trabalhos por demais pesquisadores. Como a educação superior, a escola nos revela compreender a mesma dinâmica de atuação e essa prática, entendemos, constitui a máxima expressão da *totalização*.

² Como exemplo, podemos apontar a determinação de Aristóteles ao afirmar em sua metafísica que o que todos os homens querem em suas vidas é saber, imputando sobre a condição humana a busca pela sabedoria; ou a máxima de Agostinho, que nos ensinou, ao longo do medievo, que a vida terrena é uma preparação para a vida após a morte, portanto, definindo que a verdade que confere a natureza do indivíduo é ser ético para gozar dos benefícios de uma vida junto a Deus; ou mesmo, na modernidade, a concepção de Thomas Hobbes que atribuíra a natureza humana uma pulsão desenfreada, a qual o levaria a destruição caso não viesse a ceder todas as sua liberdade em nome de um estado organizado, justificando assim a política e as instituições até então vigentes pela ordem propiciada. (WARBURTON, N. *Uma breve história da filosofia*. Porto Alegre: L&PM, 2014).



Acusando a educação contemporânea de estar sustentada em uma prática *totalizante*, passaremos a defender, ao longo do presente artigo, a desadequação como meio pelo qual a emancipação do sujeito possa vir se fazer presente, ainda que para isso se faça necessária a desinstitucionalização da educação. Em outras palavras, defenderemos a educação para a desadequação, como meio para a emancipação da *totalidade* que nos hegemoniza.

A TOTALIDADE

O termo *totalidade* é definido por Souza como o meio pelo qual o poder desagregador do diferente se faz calar, na medida em que a verdade oriunda do saber hegemônico impera e engole, como um redemoinho, tudo aquilo a ele desconhecido – desse modo, sendo *totalizante*, ao imputar sobre o outro a definição daquilo que o constitui, isto é, sua verdade. Para o autor:

A História do Ocidente tem consistido, em suas linhas mais amplas, na história dos processos utilizados para neutralizar o poder desagregador do Diferente; e a História da Filosofia ocidental tem sido, quase sempre, a maneira de favorecer e legitimar intelectualmente esta busca da neutralização. A esta busca de neutralização chamamos totalização, e à construção dialética, imanente e com pretensão de auto-compreensão e auto-legitimação – em que convergem os resultados deste esforço de totalização – temos chamado Totalidade. (SOUZA, 1996, p. 18).

Segundo o autor, a totalização se encontra presente em todo o desenrolar da história ocidental, pois reflete a lógica de ascensão de um saber dominante e que caminha sobre os passos da instauração de todo poder que se pretende hegemônico. Pensemos na burguesia do século XVIII/XIX e a ostentação de sua alta cultura que se tornou referência em toda Europa. A *totalidade* se faz manifestar, ao trazer justificativas suficientes para legitimar a segregação entre alta e baixa cultura, englobando, sobre princípios racionais, toda manifestação cultural e determinando, em dada medida, aquilo que confere a natureza de cada *tipo* de cultura.

O *insight* de Souza acerca da *totalização* se encontra fundado na perspectiva de Theodor W. Adorno (1903-1969), filósofo alemão de grande expressão no século XX, o qual estrutura sua filosofia na lógica do poder da integração do diferente à ordem hegemônica do saber dominante, manifesto como prática institucional. Tal prática, oriunda das muitas instituições do saber têm como premissa a determinação daquilo que confere a verdade alheia,



levando com que o outro seja subjugado por não pensar, ou tão pouco agir, de acordo com a verdade que lhe fora atribuída. A verdade imputada sobre o diferente é propagada como oriunda do desvelamento daquilo que consiste a natureza alheia, portanto, tendo por justificativa da integração do outro a ordem dominante, a revelação daquilo que lhe confere natureza.

Retornando ao exemplo da alta cultura burguesa do século XVIII/XIX, temos a verdade da cultura desvelada por razões, as quais sustentam o estado atual daquilo até então vivido. Aquele que pretende ser parte da cultura teria de se adaptar à verdade estabelecida e adequar sua arte à máxima preestabelecida. A integração do diferente pela imposição de uma verdade que se pretende hegemônica força o entendimento de que a manifestação do diferente constitui algo de errado, obrigando que esse venha a se moldar para, assim, fazer parte daquilo que consiste a verdade concernente à cultura.

Diante disso, seria sempre admitido, por exemplo, a ação do calar da criatividade de um músico, a fim de adaptar sua arte àquilo que confere a verdadeira expressão musical até então estabelecida; seria aceitável o pensador independente que viesse abandonar sua filosofia, em nome da verdade, que reconhece a atuação de um filósofo; o cidadão que viesse a silenciar sua mais livre expressão de vida para se adaptar àquilo que consiste a verdadeira expressão de um cidadão exemplar, todos esses e mais teriam nos rostos dos demais integrados à ordem do saber hegemônico o regozijo de ver mais um dissidente ceder à dissidência e vir a fazer parte da massa, expressão máxima da normalidade. Em resumo, adequar-se à verdade que lhe fora atribuída e adotá-la como que oriunda de si mesma define a prática cotidiana da *totalização*.

Conforme as palavras de Adorno:

Quanto mais completamente as ordens sociais contemporâneas [...] se apropriam dos processos de vida, inclusive do “ócio”, tanto mais se imprime a todos os fenômenos do espírito a marca da ordem. Seja como entretenimento ou como edificação, eles colaboram imediatamente para a manutenção da ordem e são consumidos exatamente como expoentes dessa ordem, ou seja, juntamente em virtude de sua pré-formação social. (ADORNO, 2004, p.85).

Em nome de uma ordem ideal, o saber hegemônico engole tudo, definindo padrões e estabelecendo verdades, às quais todos se encontram sujeitos. A adaptação ou a não adaptação



se revela uma dura escolha entre fazer parte de um todo, ou cair na marginalidade. Vincular prazer à adaptação, elencar justificativas suficientes que tragam benefícios àquele que cede e se integra à ordem hegemônica do saber, acaba por se tornar função necessária à estabilidade do poder.

Em meio à tal lógica, a educação desponta como ferramenta necessária para a incorporação de valores positivados referentes à verdade estabelecida pela ordem do saber hegemônico. Como fruto da *totalidade*, a verdade referente à arte, à cultura, à filosofia e tudo o mais, incluindo o próprio homem, se faz propagar por meio de um processo de ensino, o qual exige a institucionalização da educação, para fins de promoção de um estado de integração do educando. Assim, a educação para a integração se apresenta como manifestação da *totalização*.

A EDUCAÇÃO

Entender a educação como processo de emancipação soa estranho aos ouvidos de muitos, quando, diante da mecânica de seu processo operacional. Sua prática consiste, ainda nos dias atuais, na promoção da adequação do educando a uma estrutura modelar, a qual exige, como resultado do respectivo processo, a adoção de determinados princípios por parte do estudante para que, ao final de sua jornada estudantil, ele tenha, como pressuposto, incorporados os valores pregados pela instituição.

Pensar a escola como parte de um processo de incorporação do dissidente à ordem do saber dominante, isto é, como ferramenta do processo de *totalização*, nos parece um tanto mais coerente, visto, a exemplo, a atuação do educador em prol da promoção do saber modelar. Conforme a lógica da integração, não nos é possível pensar o educador como figura maquiavélica, mas como profissional incorporado, pois atua sem perceber estar agindo em prol da manutenção do saber dominante. Por se encontrar incorporado à dinâmica da educação, isto é, enxergando no processo modelar da educação valores positivados, o educador atua como um agente incapaz de questionar sua própria atuação, crente em estar agindo conforme o melhor. Ainda que ele venha a questionar sua atuação, a educação sempre se faz necessária, como premissa. Nesse sentido, moldar o diferente, o outro, ou o não integrado é máxima inquestionável, tendo o espaço para discussão voltado apenas para aquilo



que confirma o objeto da educação e a eficiência de sua metodologia, não havendo possibilidade do questionamento acerca da própria educação e sua prática institucional (soando absurdo aos ouvidos de muitos o simples cogitar a transformação de tal estrutura já canonizada).

Ainda que Adorno não tenha despendido grande esforço em trabalhar a questão da educação em sua especificidade – não a tratando ferramenta de incorporação do sujeito à ordem do saber dominante –, sua filosofia atenta em apontar que as estruturas do Estado sempre andam de acordo com o paradigma hegemônico amplamente difundido, agindo em prol de sua manutenção, desse modo, estando incluída à tal dinâmica a estrutura educacional³. Com base no pensamento de Adorno, entender a educação como ferramenta de integração se faz justificar, ainda que seus agentes não a compreendam como tal, pois, como já fora afirmado aqui, compactuam com sua dinâmica, por entenderem as justificativas que sustentam sua prática.

Assim, o educador se apresenta como figura integrada à ordem do saber dominante, por entender ser ela uma clara expressão daquilo que há de melhor, tornando-se, por consequência, um agente em prol de sua propagação. Por sua vez, o educado sempre será apresentado como aprendiz, passivo ao saber, o qual irá moldá-lo – seja através da força (institucional) ou do voluntariado (decorrente do entendimento de que sua transformação é necessária para algum fim). A crença no modelo modelar da educação, compreendida de maneira positivada, seja por quais razões forem, não abstém a estrutura educacional de ser ela um agente em prol da *totalização*, voltada para a homogeneização do educando.

A *totalidade*, como prática educacional, a partir da perspectiva adorniana, é entendida como ferramenta de incorporação do educando a um molde ideal – seja ele qual for, sustentado pela justificativa que for. Da educação para práticas econômicas/liberais, para a sociabilidade, para a fé religiosa, para o bem-estar social, ou para a adesão às ditaduras governamentais; a educação *totalitária* serve de ferramenta para a adequação do diferente, isto é, daquele que não confere a lógica estabelecida por verdade, moldando-o à normalidade daquilo esperado pela estrutura hegemônica vigente.

³ ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. *Dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.



Souza, em 1996, escreveu um artigo intitulado *Educação e desenvolvimento: ilusão e realidade*, no qual a questão da totalidade como processo de adequação é apontado pelo autor como prática comum à educação contemporânea, tal qual apontamos em nosso particular *insight*. Mas seu posicionamento ressalta a desadequação como possibilidade de uma educação de fato emancipadora, sendo esse o ponto ao qual passaremos a nos ater.

A DESADEQUAÇÃO

Para Souza, a totalidade se manifesta na sociedade como um processo de incorporação do diferente à lógica dominante, aqui apontado como saber hegemônico. Desse processo parece não haver possibilidade de escape, visto que, diante da mecânica processual na qual nos encontramos vivendo, sempre um pensamento, seja qual for, volta e meia desponta no horizonte como o mais novo raio de sol, aderindo milhões a sua verdade postulada. Seja na ascensão de uma nova religião, de um novo partido político, ou em uma nova estrutura educacional, a lógica é sempre a mesma: a partir de uma verdade estabelecida, o todo diferente é incorporado e transformado para se adequar a tal ordem do saber (sempre bem justificado de maneira positivada, outorgando-se ser aquilo que há de melhor).

A partir da máxima da *totalidade*, a educação nos parece inviável, pois sua efetivação se dá sempre por meio da imposição de um princípio modelar, o qual é considerado melhor, mais benéfico ao educando e mais verdadeiro que os demais. Mas Souza nos desperta a pensar diferente, ao apontar a possibilidade da desadequação conferir a um processo de educação diferenciado, para não dizer emancipado da estruturação institucional.

Assim escreve o autor:

Um outro modelo de desenvolvimento coloca o seu sentido na promoção da vida como um todo, onde todo particularismo pode sobreviver sem ser degradado à condição de arma ideológica dos poderosos, onde o diferente tem espaço, onde a homogeneidade da eficiência e da força não tem a última palavra. Esse modelo é utópico (fora de lugar) em nosso meio e mundo, ele é um futuro possível e em construção. (SOUZA, 1996, p.06).

Esse outro modelo exigiria das estruturas educacionais a total aceitação do diferente como diferente, sem objetivos que visassem qualquer integração à ordem de um saber modelar. Essa educação consistiria em uma desadequação, uma deseducação, a qual livraria o



educando dos paradigmas carregados por ele, sendo estimulado a questionar sua própria condição e tudo aquilo sustentado por verdade até então.

A desadequação é libertadora, pois educa para o questionamento e não para a integração, o que parece interessante de se ver aplicado, mas impossibilitado, de imediato, vista a realidade da educação contemporânea e o interesse das instituições que objetivam a manutenção do paradigma dominante e de todo saber dele decorrente.

Como instituição, a educação serve de ferramenta para a integração do diferente, pois confere sua prática àquilo idealizado pela ordem do saber vigente. Sem romper esse último elo da corrente, a educação será sempre escrava da determinação alheia e se encontrará (sempre) a serviço dos poderosos. Devido a isso, Souza é sensato em apontar que tal perspectiva é utópica, não por sua ineficiência, mas por sua inaplicabilidade.

Longe de assumir uma posição pessimista, mas convergindo com o posicionamento concreto de Souza, concordamos com a inaplicabilidade da desadequação como movimento viável, estando no campo das ideias como possibilidade distante. Conforme as palavras do autor: “É somente no futuro construído a cada dia que se pode dar o verdadeiro desenvolvimento – aqui chamado de futuro melhor; e a tal somente se pode chegar pela educação desadequadora.” (SOUZA, 1996, p.07).

Ao final de seu escrito, a conclusão que nos ressalta não é animadora, mas confirma a realidade que se tem, quando se trata de educação: a serviço do saber hegemônico, ela atua como ferramenta de *totalização*, visando sempre a integração do diferente àquilo considerado melhor. A desadequação, como prática viável, só se faz possível, caso a desinstitucionalização da educação se fizer possível, mas frente a essa possibilidade, o ceticismo que nos circunda impera e reluta em aderir a qualquer crença de viabilização de tal futuro.

Assim a desadequação desponta como possibilidade, ainda que inviável, diante da prática da *totalização*. Inviável até haver a concretização de uma desinstitucionalização da educação. Como apontara Souza: “[A] Educação [é] um desafio tão grande quanto o futuro.” (1996, p.07); e ainda cabe reflexão.

REFERÊNCIAS



Revista FACISA *ON-LINE*. Barra do Garças – MT, vol.5, n.2, p. 54- 63, jul. - dez. 2016.
(ISSN 2238-524)

ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento**. Trad. Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

DUARTE, R. **Adorno/Horkheimer & a dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

SOUZA, R. T. **Totalidade e desagregação**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.

_____. Educação e desenvolvimento: ilusão e realidade. In: **A didática em revista**. Rio Grande: FURG, v.3, n.4: Jan/Jul.1996. p. 04-07.

WARBURTON, N. **Uma breve história da filosofia**. Porto Alegre: L&PM, 2014.